

IMAGINÁRIO SOBRE AS SODOMITAS NA BAHIA QUINHENTISTA

Gilmara Cruz de Araújo¹

RESUMO

Esta comunicação analisa o imaginário sobre mulheres sodomitas na América portuguesa, com base na bibliografia clássica e recente que aborda o assunto, apoiada na documentação inquisitorial quinhentista, pois a Inquisição processou e condenou homens e mulheres sodomitas em todo o império luso. Nosso foco repousa na ruptura com o comportamento sexual ditado pela religião católica e como esta ruptura influenciou a construção de um imaginário negativo sobre as mulheres. Assim, podemos avaliar como a sodomia praticada por mulheres foi denominada pecado, aterrorizando e consolidando a imagem do feminino como algo misterioso e sombrio.

Palavras-chave: Sexualidade, Gênero, Inquisição portuguesa

ABSTRACT

This communication analyze the imaginary upon sodomite women on the Portuguese America, based on classic and recent literature that addresses the issue, supported by 500's inquisitorial documentation, because the inquisition have tried and convicted sodomite men and women in all the Lusitanian empire. Our focus sleeps on the rupture with the sexual behavior, dictated by the catholic religion, and as this rupture has influenced the construction of a negative imaginary upon the women. Thus, we can evaluate how the sodomy practiced by women, was denominated as sin, terrifying and consolidating the female image as somber and mysterious.

KEYWORDS: Sexuality, Gender, Portuguese Inquisition

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa é parte do Subprojeto “Representações de mulheres “demonizadas” na historiografia: um estudo teórico”, que é um projeto de TCC e de pesquisa vinculado ao PICIN/UNEB, sobre orientação da professora mestre Maria José de Oliveira Santos.

¹ Graduanda em História pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB) – CAMPUS II, bolsista do PICIN/UNEB com a pesquisa denominada: *As representações das mulheres “demonizadas”: um estudo teórico*, sob orientação da Professora Mestre Maria José de Oliveira Santos. E-mail: kadavera@msn.com.



Falar do imaginário sobre as mulheres sodomitas (que também foram demonizadas) foi nossa proposta e realizamos essa análise através da historiografia produzida sobre a sodomia na América Portuguesa, particularmente na Bahia. O subprojeto referido tem como objetivo entender a estrutura de imaginários (da população, em especial da moral cristã) sobre as mulheres sodomitas, como também oferecer maior visibilidade a história das mulheres.

Discutimos nessa comunicação o processo de demonização da mulher, partindo da questão sobre sexualidade na América Portuguesa. Ao mesmo tempo em que no cristianismo se tem a figura da mulher boa, virgem, mãe e etc., associada a “virgem” Maria, existe paralelamente a representação centrada na figura da mulher descendente de Eva e herdeira de seus “pecados”. As mulheres aparecem na história (não generalizando) através do olhar masculino, assim aparecendo sempre como representações formadas pela construção mental da época ligada ao homem e ao cristianismo.

Falar das sodomitas é torná-las sujeitos da história e “se tornar sujeito não é somente o crescimento do poder físico, do poder do corpo; é também o reconhecimento da valorização da imagem”².

O presente trabalho traz uma abordagem do imaginário sobre as mulheres sodomitas na América Portuguesa, discutindo como a moral cristã sobre o sexo, influenciou na construção da imagem negativa das mulheres. Aqui o tema será discutido através de leituras de bibliografia do assunto como Luis Mott “*Dicionário biográfico dos homossexuais da Bahia*” e Ligia Belline “*A coisa obscura*” que apresentaram uma rica pesquisa sobre a inquisição apoiada em documentos quinhentista sobre o tema.

Através dos estudos feitos por Luiz Mott e Ligia Belline podemos perceber como a sodomia foi denominada pecado e isso ajudou a criar-se, em torno das mulheres, um arquétipo feminino associado ao lado obscuro. Refletindo sobre o comportamento e as idéias relativas à moral cristã dessa época e buscando no mundo antigo uma genealogia dessas representações do feminino, trazemos o assunto para dialogar com o período colonial baiano.

No decorrer dos tempos à figura da mulher sempre foi vista com preconceitos, as mulheres sempre sofreram com exclusão social e com “rótulos”, que em cada época, foi lhe atribuído. A princípio, em épocas antigas, as mulheres eram vista como Deusas, eram elas responsáveis pela reprodução da espécie humana, nas culturas pré-cristã era

² PRIORI, Mary. História do Cotidiano e da Vida Privada. In: FLAMARION, Ciro, VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da História – ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 272.

símbolo de adoração e era tudo um mistério que no decorrer dos anos e com evolução científica foi se desvendando. Mas com o advento do cristianismo e a busca pelo poder deste, muitos dos costumes antigos foram ficando para trás.

O século XVI na Europa é marcado pelo surgimento do antigo sistema colonial, das Reformas Religiosas, de uma produção artística e intelectual, do estabelecimento das inquisições, das guerras de religião, das perseguições a bruxas, a conhecida “caça a bruxas”. A crise do século XVI e a horror (doenças como a peste negra, por exemplo) que aparecia na época traziam sentimento de medo e desconfiança e isso causavam o apego a religiões e busca por novas explicações e práticas.

Em um mundo onde a leitura e a escrita eram desconhecida para a maioria, era comum acreditar no que se ouvia. Nessa época, a cerca da dúvida e do medo, o homem tentavam explicar os maus acontecimentos através do diabo, este por sua vez não existiria sem o Deus cristão, pois ele dava a justificativa dos maus acontecimentos. E essa mentalidade que traz um antagonismo entre o “bem” e o “mal” foi trazida para o Brasil junto aos europeus.

O PATRIARCALISMO

Segundo Rose Marie Muraro, em seu livro *A mulher no terceiro milênio: uma história da mulher através dos tempos e sua perspectiva para o futuro*, ela salienta que a maioria das espécies eram matricêntricas, ou seja, tinha a fêmea como centro. “No princípio era a mãe” é um termo usado pela autora para mostrar que no início a mãe era o centro não só dos grupos de proto-humanos, mas também dos mamíferos em geral, onde se destacava a dupla mãe/filho.

Muraro também vai falar do nascimento do Patriarcalismo, o abandono da natureza e do mito patriarcal: o gênese. Na criação do patriarcado a mulher começa a se enquadrar no papel somente de gerar filhos e cuidar deles. O patriarcado teve uma origem lenta e gradual e foi nesse contexto, ainda segundo Muraro, que o homem passou a ser dominador e a mulher passou a ser excluída e marginalizada. O mito da mulher no Jardim do Éden leva o gênese a ser o básico livro do patriarcalismo:

Iavé cria sozinho o mundo em sete dias e depois cria o homem. E só depois, de uma costela sua, tira a primeira mulher. E foi esta mulher a causa de todos os males que sucederam ao homem. Depois da queda,

ele teria que ganhar o pão com o suor de seu rosto, e ela, ser submissa ao marido e parir na dor...³.

Percebe-se que segundo Muraro, depois do fruto proibido, onde a mulher é culpada, eles se afastam da natureza e o homem passa a dominar a mulher. Ela ainda salienta que para convencer de sua supremacia, o homem (Adão) afirma ter parido a primeira mulher. Aquela velha idéia da inveja de útero, já que o homem não tem o útero, a mulher nasceu de uma costela.

O livro *Malleus Maleficarum*, escritos por dois inquisidores Sprenger e Kramer também ajudou a fortalecer o pensamento cristão em relação à inferioridade e malignidade da mulher. Para Rose Muraro o *Malleus* é uma continuação do Gênesis, no sentido direcionado à submissão e perseguição da mulher dentro da religiosidade cristã e inquisitorial.

Tentaremos a partir de agora analisar alguns atos focalizados no conjunto de culpas julgadas pelos tribunais inquisitoriais: a sodomia entre mulheres na Bahia. A relação entre mulheres que trocavam afetos na Bahia quinhentista foi analisada em processos da Inquisição e em alguns casos foram punidas severamente.

Estudar o imaginário sobre as sodomitas na América portuguesa, basicamente no século XVI, é uma tarefa muito complicada, porém não podemos deixar de associar à imagem dessas sodomitas a influência da religião católica e também da Inquisição. É importante salientar que para estudar o imaginário sobre as mulheres em época colonial, é necessário analisar as representações, como afirmou Sandra Pesavento⁴, o passado só chega ao historiador através das imagens de representação. Para Pesavento, as representações consistem formas de um grupo social, ou seja, suas normas, costumes, imagens, discursos e etc. São tais representações que fazem à imagem da realidade compartilhada por uma coletividade. Ainda segundo Pesavento⁵, a imagem também é de tamanha importância nessa informação do passado, as imagens de representações coletivas em que os homens estão em todas as épocas, construíram para si o sentido real do mundo ou as configurações simbólicas que ajudam na formatação do pensar e que são expressas socialmente sobre o homem e o seu meio.

³ MURARO, Rose Marie. *A mulher no terceiro milênio: uma história da mulher através dos tempos e suas perspectivas para o futuro*. Rio de Janeiro: Record/Rosa dos tempos, 2000. p.71.

⁴ PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e História Cultural*. Belo Horizonte. Autêntica, 2005.

⁵ *Ibidem*.

A QUESTÃO RELIGIOSA E SEXUAL NA AMÉRICA PORTUGUESA

Não bastou a igreja Católica, na Idade Média, impor a concepção teocêntrica de mundo e influenciar na forma de divisão social, como por exemplo, havia os que rezavam por todos, os que guerreavam por todos e os que produziam para todos. Tudo isso como forma de poder e se já não bastasse à cultura, as crenças, os costumes que também foram impostos pela Igreja, havia a “chantagem” para aqueles que se distanciavam das regras, eram oferecidos às chamas do inferno. Então, essa mentalidade foi trazida também para o Brasil, e aqui também foram impostos padrões, tanto no que se dizia a costumes, crenças quanto a práticas sexuais, pois isso assegurava a harmonia social. Em um território onde era conhecido como “trópico dos pecados”, tinha que ser impostos rígidos tabus sexuais, como controle social, e esses tabus quando desobedecidos era associada à idéia de pecado e assim teriam que combatê-las.

Práticas luxuriosas eram silenciadas, feitas as escondidas, pois a descobertas dessas práticas fazia correr o perigo de morrer na fogueira ou pagar altos castigos dolorosos por desobediência. Os crimes de feitiçaria eram associados também á práticas sexuais, pois ambas era considerada coisa demoníaca. É considerado um crime cometido contra o sexto mandamento e a sodomia é vista como um incitamento ao diabo.

Na sociedade cristã o prazer ficou para os homens, a mulher escrava, índia e prostituta, serviam para lhe oferecer prazer. Nota-se que havia um antagonismo, entre os portugueses cheios de prazer e a questão do sexo por prazer como “pecado”. O homem jamais poderia desonrar uma mulher branca, por que essa seria a “ideal” para o casamento e havia toda aquela questão da virgindade, onde a mulher deveria se casar virgem. O padrão de comportamento moral cristã da época era o das fieis, honestas, que serviam ao seu marido, obediente e boa mãe, ao contrário disso, estaria sujeita a uma vida de castigos, uma imagem de má fé e corria o risco até de perder a própria vida.

De modo geral, no período enfocado (principalmente os séculos XVI e XVII), as ordens temporal e religiosa estavam interligadas. A religião informava toda a vida privada e pública, comportamentos e instituições, era “o clima” e “atmosfera” em que subsistia o mundo europeu, não sem motivo chamado cristão. Desde a Idade média, legislações canônicas e a teologia moral católica tinham grandes influencia na formação das leis seculares...⁶.

⁶ BELLINE, Ligia. *A coisa obscura*. São Paulo: Brasiliense, 1989. p. 72.

Percebemos então a presença da religião cristã e sua moral na vida em geral da população. Havia princípios morais controlados pela sociedade que era uma aliança entre a Igreja e o Estado. Essa visão, costumes trazidos da Europa foram aqui implantados: “E ainda nos séculos XVI e XVII, o selo pela crença e pelos princípios morais católicos era problema das instâncias civis e religiosas”⁷.

Ainda para complementar a idéia:

As ordenações dos reis portugueses – Afonsinas (1446), Manuelinas (1512) e Filipinas (1603) – e as leis extravagante por eles ordenadas referem-se aos crimes sexuais sobre os quais tinham jurisdição como “pecados”, e seus procedimentos punitivos imbricavam-se com os da igreja Católica, particularmente os inquisitoriais⁸.

É importante reparar o termo “crimes sexuais” como ser associado ao “pecado”, esta é uma forma de controle, tendo em vista que a mulher é vista como pecadora e insaciável. Era uma maneira de controle social e de fiscalização aos desvios da fé católica. Os desvios eram punidos com penas temporais como açoites, degredo, pagamento dos custos do processo, prisão e etc.

AS SODOMITAS NA BAHIA SÉCULO XVI

Ligia Belline e Luiz Mott analisaram documentos que focalizavam registros das confissões e denúncias mencionadas que trata de relações sexuais entre mulheres no século XVI, encontradas nos processos do Santo Ofício. Analisaremos aqui, a partir da leitura dos livros de Belline e Mott, 20 casos de amizades “nefandas”.

Tiramos do livro *A coisa Obscura* de Ligia Belline e *Dicionário biográfico de homossexuais na Bahia* de Luiz Mott algumas informações sobre as sodomitas. Apresentaremos o resumo de alguns casos:

1. Ana Cunha (1592)- moradora de Ilhéus, tinha 32 anos quando confessou na primeira visitação do Santo Ofício ter se envolvido com Catarina Quaresma há sete anos. Ambas, segundo o livro de Mott, foram vista como íncubas e súcubas (que são demônios que atacam sexualmente durante o sono da vítima, os íncubos são masculinos e atacam mulheres e os súcubos são femininos e atacam homens.)

⁷ BELLINE, Ligia. *A coisa obscura*. São Paulo: Brasiliense, 1989. p.72.

⁸ *Ibidem*.

2. Ana Fernandez (xxxx)- moradora da Bahia, tinha 49 anos, casada, se envolveu com Madalena Pimentel há 36 anos.

3. Ana Fiel (xxxx)- moradora de Salvador, se envolveu com Felipa de Souza.

4. Catarina Quaresma (1591)- moradora de Salvador, mas natural de Lisboa, casada, tinha 25 anos quando foi denunciada por Ana Cunha. Convocada pela inquisição não confessou afirmando já ter confessado a um padre que teve uma aproximação com Ana Cunha, mas que não lembrava e nem teve intenção de praticar sodomia, não assumindo tal caso.

5. Catarina Baroa (1592)- moradora de Tamararia (Ssa), casada, tinha 42 quando foi denunciada por Isabel Marques de terem se envolvido há 27 anos.

6. Felipa de Souza (1591)-Nascida em Tavira-Algarve (Portugal), moradora de Salvador, idade 35 (na época da visitação) casada pela segunda vez e viúva do primeiro casamento. Inquirida pelo visitador confessou ter se relacionado com seis mulheres (Maria Peralta, Maria Lourenço, Paula de Sequeira, Ana Fiel, Paula Antunes e Maria Pinheira).

7. Francisca (1591)- moradora da Bahia, casada, tinha 24 anos quando denunciada por Maria Rangel, por terem tido um envolvimento há dez anos.

8. Francisca Luiz (1592)- Moradora de Salvador, natural do Porto, tinha 40 anos, foi denunciada por Isabel da Fonseca por ter envolvimento com Isabel Antônia (conhecida por usa um instrumento de veludo em seus atos sodômicos) por terem tido envolvimento há oito anos.

9. Guiomar Piçarra (1592)- moradora de Itaparica, nascida em Mora (Portugal), casada, tinha 38 anos quando confessou ter envolvimento com Mécia, sendo moça de 12 ou 13 anos e confessou não saber que isso era sodomia.

10. Guiomar Pinheira (1592)- moradora de Tamararia, nascida em Ilhéus, casada, tinha 38 anos quando confessou ter tido envolvimento com Quitéria Sequa aos oito anos de idade, “sempre a dita Quitéria a autora e a íncuba...” (MOTT, 1987. P.22).

11. Iria Barbosa (xxxx)- moradora de Pero Absu, tinha 46 anos, casada, se envolveu com Madalena Pimentel há 36 anos.

12. Isabel (xxxx)- nascida no Porto, tinha 32 anos, se envolveu com Maria Rangel há 17 anos.

13. Isabel Antônia (1580)- moradora de Salvador, nascida no Porto, foi denunciada e condenada pelo pecado nefando. Apelidada “a do veludo”, “mulher sem marido”, degredada do reino para a Bahia, “por usar do pecado nefando com outras mulheres” (MOTT, 1987 p.22) No Brasil se relacionou com Francisca Luiz. Segundo o livro de Mott, ela faleceu antes da chegada da visitação, mas ficou famosa por usar o objeto de veludo em suas relações.

14. Isabel Marques (1593)- moradora da Bahia, nascida em Salvador, casada, Tinha 37 anos quando confessou ter tido envolvimento quando moça de dez anos com Catarina Baroa.

15. Maria Lourenço (15914)- moradora de Salvador, nascida em Portugal, casada, tinha 40 anos confessou que há quatro anos teve um envolvimento com Felipa de Souza.

16. Maria Rangel (1592)- moradora da Bahia, nascida em Porto, casada, tinha 24 anos quando confessou por espontânea vontade, ter cometido o “pecado” com Francisca quando tinha 13 anos de idade. Assumiu também o envolvimento com Isabel e outras moças quando tinha sete e oito anos de idade.

17. Mécia (1592)- moradora de Salvador, nascida na Guiné, casada, tinha 43 anos quando denunciada por Guiomar Piçarra que há 25 anos tiveram um envolvimento.

18. Mícia de Lemos (xxxx)- moradora de Salvador, tinha 46 anos, casada, se envolveu com Madalena Pimentel há 36 anos.

19. Paula Siqueira (1591)- moradora de Salvador, nascida em Lisboa, tinha 40 anos quando confessou ter tido envolvimento com Felipa de Souza há um ano. Foi acusada também de ter lido livros proibidos e de praticar bruxaria.

20. Quitéria Seque (1592)- moradora de Ilhéus, casada, foi denunciada por Guiomar Pinheira de ter envolvimento aos oito anos de idade.

Ainda tem os casos de Maria Pinheira, Paula Antunes, Maria Peralta, Vitória, Maria Roiz, e etc. Ambas praticavam o “pecado nefando” de sodomia entre as mulheres. Destacamos o caso de Felipa de Souza que confessou ter se relacionado com seis mulheres, e as seduzia com cartas, presentes e etc. Ela tinha 35 anos, era portuguesa e viúva. Por ter um lado noturno, Felipa foi severamente punida; foi presa, açoitada e humilhada publicamente e condenada ao degredo. Ainda sobre Felipa:

[...] retirada da Casa da Inquisição, no Terreiro de Jesus, o Ouvidor da Capitania levou-a até a Sé da Bahia, onde vestida simplesmente com uma túnica branca, descalça, com uma vela na mão, de frente à Mesa Inquisitorial e de algumas autoridades religiosas, ouviu sua ignóbil sentença. Em seguida foi açoitada publicamente pelas principais ruas do centro de Salvador, enquanto o Ouvidor lia o pregão: “justiça que o manda fazer a Mesa da Santa Inquisição: manda açoitar esta mulher por fazer muitas vezes o pecado nefando de sodomia com mulheres, useira e costumeira a namorar mulheres. E que seja degredada para todo o sempre para fora desta capitania⁹.

No caso de Paula Siqueira ela foi castigada não somente por sodomia, mas também por ler livros proibidos e fazer práticas mágicas, como feitiços para seu marido. Percebe-se como esse ato de crença na magia foi demonizado, Paula de Siqueira ficou seis dias na prisão, pagou alta quantia, pagou penas espirituais, servindo de exemplo “para culpas nefandas”.

O caso de Maria Rangel é um exemplo que nos faz refletir sobre a influência cristã na mentalidade da época, tanto que muitas mulheres se sentiram culpadas a ponto delas mesmas, por espontânea vontade foram se confessar do “pecado”, a “pedagogia do medo” como já dizia Bartolomé Benassar, conseguiu construir mentalmente uma imagem obscura em relação à mulher fazendo até com que algumas delas se sentissem responsáveis por tais práticas. A vigilância, os castigos, as humilhações do Santo Ofício instaurou um clima de culpa e medo.

⁹ MOTT, Luiz. *O lesbianismo no Brasil*. Porto alegre: Mercado Aberto, 1987.

Outro fato que achamos importante salientar é a questão que se tem o Brasil como o lugar dos pecados, sendo que várias mulheres sodomitas vieram de Portugal, assim confirmando a idéia que não somente o Brasil era local de “pecados”, como é o caso de Catarina Quaresma, Felipa de Souza, Francisca Luiz e etc., das 20 mulheres aqui relatadas 09 vieram de Portugal, e a Mécia que nasceu em Guiné.

O caso de Ana Cunha e Catarina Quaresma é um forte fato para se pensar em como as sodomitas foram demonizadas, pois ambas foram associadas aos íncubos e súcubos que são demônios que atacam sexualmente suas vítimas à noite enquanto elas dormem. Representações aterrorizaram e consolidaram a imagem da mulher como algo misterioso e demoníaco. Qualquer desvio da moral cristã no Brasil já era considerado pecado, e já asseguravam a idéia de que abaixo do equador nada era pecado.

Analisemos também a faixa de idade dessas sodomitas. Quitéria Seque, Mécia, Mícia de Lemos, Maria Rangel e algumas outras, tinham menos de 15 anos quando praticaram tal ato sodomítico, talvez fosse atos inocentes inerentes a natureza humana, uma busca pela descoberta do próprio corpo. Segundo Belline, Foucault já chamava atenção para o moralismo em torno da sexualidade e ele associava ao início do concílio de Latrão e a reiteração com o de Concílio de Trento.

Tais comportamentos sexuais diferenciavam do que a igreja tinha como certo, como disse Belline: “Comportando-se como homens, essas mulheres estariam então desrespeitando princípios da divisão entre gêneros, ultrapassando o campo a que usualmente estavam circunscritas suas possibilidades de relacionar-se sexualmente e afetivamente”¹⁰ E a igreja foi muito importante na construção da imagem feminina nessa época. Afirma Belline que havia muitos escritos que ajudava a construir, dentro da igreja e fora dela, “uma imagem mais ou menos nebulosa sobre o pecado abominável cometido entre mulheres”¹¹.

O que se pode observar é que a mulher e seu corpo foram tratados como temas enigmáticos em vários momentos e textos fundamentais da história do ocidente e que a ambigüidade foi atributo que esteve permanentemente associado às mulheres e ao modo como foram encaradas¹².

¹⁰ BELLINE, Ligia. *A coisa obscura*. São Paulo: Brasiliense, 1989. p. 70.

¹¹ *Idem. Ibidem*. p. 60.

¹² BELLINE, *Op.Cit.* p. 69.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos perceber que o mito cristão criou na mentalidade da época (e até hoje se tem resquícios) a superioridade masculina, e a mulher pecadora, insaciável, sedutora, responsáveis pelos males, deveria ser controlada. O poder masculino é santificado (como podemos perceber pelos estudos de Muraro aqui apresentados) e apoiado no mito cristão.

Também nota-se que o gênese rejeita a mulher e seu corpo como causa de todo o pecado e talvez esse seja um dos motivos pelo qual não se aceita a prática sodomítica entre mulheres (e entre homens), pois esta é feita somente pelo prazer e sem intenção de procriação. Uma mulher com outra, eram consideradas duas fontes de pecados juntas, sendo que a mulher com um homem pode ser controlada por ele e sua relação ser destinada a procriação da espécie humana.

A valorização e implantação da fé católica foi algo importante na colonização e uma prova disso é a fé que ainda se encontra na população brasileira, o Brasil é o país mais católico do mundo e os costumes cristãos estão presentes com muita força. Podem-se perceber pelos nomes de cidades, ruas, instituições, pela crença em Deus, por ser um país laico apenas no papel e etc.

O pensamento europeu, sua dualidade e moral cristã transportadas através da colonização fizeram com que se demonizassem costumes e práticas que ocorria no Brasil em época colonial. Laura de Mello e Souza já dizia sobre a transportação do imaginário europeu para as terras brasileiras.

Estudos realizados graças à inquisição, que preservou toda essa história na busca de por fim às desobediências, ofereceu espaço para depoimentos de pessoas marginalizadas através da história oral. Através destes depoimentos podemos analisar a vida dessas mulheres, suas representações, o cotidiano, e suas práticas. Estudo que com a História das Mentalidades proporcionou uma maior valorização de uma história mais particularizada, que nos permitiu estudar e tentar entender a mentalidade de uma época quinhentista.

As imagens da mulher como instrumento de pecado, aonde sua representação “maligna”, vem de épocas antigas. Seu enigma, sua beleza e sua sensualidade, fizeram construir a imagem do pecado, a mulher como portal para o inferno, ponto intermediário entre Deus e o homem. “toda feitiçaria nasce da luxúria carnal, e esta, nas mulheres

insaciadas.” É importante salientar que mesmo com a educação “castradora” da moral sexual cristã a mulher continuou a realizar seus desejos mesmo que às escondidas.

REFERÊNCIAS:

BELLINE, Ligia. *A coisa obscura*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

CASTRO, Raquel Ribeiro Rodrigues. *Religiosidade e sexualidade como elementos de exercício de poder no Brasil Colonial*.

DELUMEAU, Jean. Os agentes de Satã III: a mulher In: DELUMEAU. *História do medo no Ocidente: 1300-1800*. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.

MOTT, Luiz. *O lesbianismo no Brasil*. Porto alegre: Mercado Aberto, 1987.

_____. *Homossexuais da Bahia: Dicionário biográfico*. Salvador: Grupo Gay da Bahia, 1999.

MURARO, Rose Marie. *A mulher no terceiro milênio: uma história da mulher através dos tempos e suas perspectivas para o futuro*. Rio de Janeiro: Record/Rosa dos tempos, 2000.

PESAVENTO, Sandra Jatthy. *História e história cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

PRIORI, Mary. História do Cotidiano e da Vida Privada. In: FLAMARION, Ciro, VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da História – ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

Visões sobre as mulheres na sociedade ocidental. Revista Ártemis. n. 3. 2005.